

# QUESTÕES DE MÉTODO: AUTOCRACIA CHAUVINISTA REGRESSIVA COMO PARTICULARIDADE DA IDEOLOGIA INTEGRALISTA CONTEMPORÂNEA

Jefferson Rodrigues Barbosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** As produções acadêmicas nas últimas décadas têm destacado em âmbito internacional manifestações de movimentos e partidos políticos defensores de ideologias chauvinistas. Os integralistas contemporâneos são aqui interpretados como expressões nacionais deste fenômeno e, organizados, estão atuando em núcleos espalhados em mais de duas dezenas de cidades em diversos estados do Brasil. Neste sentido, a interpretação da ideologia integralista como manifestação autocrática chauvinista regressiva é um silogismo: autocracia é a generalidade do fenômeno político no âmbito de sua universalidade; chauvinismo, a particularidade da identidade ideológica do objeto; o integralismo brasileiro a singularidade do caso nacional mais expressivo do fenômeno em questão, marcado por axiomas regressivos que denotam a particularidade de sua proposta política.

**Palavras-chave:** Integralismo Contemporâneo. Chauvinismo. Ideologia Autocrática.

**ABSTRACT:** The academic productions in the last decades have highlighted international demonstrations of movements and political parties who defend chauvinist ideologies. Contemporary integralists are interpreted as national expressions of this phenomenon. Also, they organised and act as nucleus spread over twenty cities in many states around the Brazil. Due to that, the the interpretation of the integralist ideology as an autocratic regressive chauvinist manifestation is a syllogism: autocracy is the generalisation of the political phenomenon in its universalism; the chauvinism, the singularity of the object's ideological identity; the Brazilian integralism is the singularity of the most expressive national case of the mattered phenomenon, marked by regressive axioms that indicate the particularity of the political proposal.

**Key words:** Contemporary integralism. Chauvinism. Autocratic ideology.

## Introdução:

A presente investigação dos grupos integralistas contemporâneos desenvolveu-se nos últimos cinco anos na busca de apreensão da ideologia e das novas formas de organização dos herdeiros do sigma.<sup>2</sup>

Em 1932 a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi oficialmente fundada pelo

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais UNESP, Professor de Teoria Política do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Universidade Estadual Paulista - Unesp/Marília.

<sup>2</sup> BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Ideologia autocrática chauvinista regressiva:** crítica aos herdeiros do sigma. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (UNESP) Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. 2012. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/63494>

intelectual chauvinista Plínio Salgado, fato que completou oitenta anos em outubro de 2012, seus valores ainda perduram e são divulgados através de militantes na contemporaneidade, através de núcleos instalados em mais de duas dezenas de cidades e, através da publicação de boletins e jornais impressos e sites que continuam a defender os valores sintetizados no lema integralista “Deus, Pátria e Família”.

No início desta pesquisa os militantes contemporâneos em questão foram denominados aprioristicamente de neo-integralistas e interpretados como manifestação nacional da denominada extrema direita, expressão esta que busca identificar os agrupamentos políticos portadores de um nacionalismo exacerbado e de práticas políticas intransigentes.

Entretanto, na construção dos pressupostos do método que norteou esta investigação, as definições categoriais da identidade política integralista foram reelaboradas no sentido de suplantação de expressões abstratas generalizantes em direção da identificação da gênese e função social da ideologia integralista em sua particularidade concreta. Este momento preponderante na reavaliação da identidade do objeto investigado foi favorecido pelos elementos constitutivos do método marxiano.

O contributo da filosofia da práxis ao assinalar dois traços marcantes acerca do método em questão evidenciou a necessidade fundamental do trânsito entre categorias abstratas às análises concretas através de um maior destaque das mediações constitutivas da experiência histórica integralista em sua gênese para que fosse possível a articulação dos axiomas constitutivos da pesquisa desta particular manifestação política brasileira em seus desdobramentos na atualidade.

A teorização na acepção marxiana é a reconstrução no plano ideal do movimento dos objetos reais, é a reprodução ideal de um movimento ontológico das relações sociais na processualidade histórica.

A empiria é o ponto de partida do conhecimento, expressão fenomênica, mas esta não esgota a estrutura do processo que ela é originária. Assim, os aspectos empíricos observados nas fontes analisadas que apresentavam num primeiro momento a relação neo-integralismo e extrema direita foram suplantados por diferentes determinações reflexivas<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> “Quanto às *determinações reflexivas*, basta sublinhar que se trata, obviamente, de uma figura que se manifesta no interior do processo de articulação quando foco recai em pares ou conjunto de categorias cuja conexão é indissolúvel, de tal modo que a apreensão efetiva de cada um dos seus membros depende da apreensão recíproca dos outros. Aqui o ponto delicado e essencial é a preservação da especificidade de cada um deles, isto é, deve-se evitar sua homogeneização conceitual, que tende a se dar pela promoção da

Na perspectiva apontada por Chasin (1978), principalmente na análise ao estudo das ideologias políticas os procedimentos empiristas proporcionam análises limitadas ao âmbito do fenomênico. Assim, tratando-se, por exemplo, de testemunhos de ativistas políticos, os dados obtidos pelo pesquisador colocados “como prova e não como problema, torna tão gritante a confusão entre verdade e aparência”:

Cremos, todavia, que nos cabe ressaltar uma idéia que diz respeito diretamente ao tipo de estudo que estamos desenvolvendo. Se damos como verdadeiras as objeções fundamentais que os procedimentos empiristas ao passíveis de sofrer, em geral, há de se frisar que elas ainda se tornam mais evidentes, quando aqueles são aplicados aos estudos das ideologias. Sinteticamente ela se consubstancia na observação de que a prática de tomar o *testemunho do agente*, no caso o ideólogo e o militante político, *como prova e ao como problema*, torna tão gritante a confusão entre verdade e aparência, entre verdade crença e intenção, entre consciência possível e consciência real, que não resta se não considerar todo o rigor pretendido pelo empirismo como não mais que simples ilusão de graves consequências científicas.<sup>4</sup>

Nos pressupostos da Filosofia da Práxis, em primeiro lugar, a metodologia mais adequada ao conhecimento de um dado objeto só pode ser determinada com objetividade após os conhecimentos necessários a investigação serem obtidos. Ao contrário das premissas hipotéticas estabelecidas a priori a finalidade da reflexão do método marxiano está em indicar que as hipóteses mais prováveis, frente aos objetos estudados, deverão ser primeiro investigadas e, não apresentadas como afirmações a priori como procedimento para a investigação.

Na perspectiva da filosofia da práxis o método exhibe, em segundo lugar, para Marx e Lukács uma caracterização ontológica fundante, nesse sentido, a sua função social é critério para a determinação do ser:

A percepção da ontologia em Marx fornece a Lukács os elementos passíveis de estabelecer uma ruptura com predomínio da gnosiologia e da epistemologia em nossos tempos. Suas reflexões partem da crítica fundamental que postula que, em Marx, “o tipo e o sentido das abstrações, dos experimentos ideais, são determinados não a partir de pontos de vista gnosiológicos ou metodológicos, mas, a partir [...] da essência ontológica da matéria tratada”. Revela-se nessas palavras o

---

identidade ou da diversidade abstratas entre os mesmos.” CHASIN, José. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 135.

<sup>4</sup> CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978, p. 45.

reconhecimento de uma fecunda inflexão do pensamento de Marx em relação a tudo o que foi produzido pela filosofia até então: “o objeto da ontologia marxista, diferentemente da ontologia clássica e subsequente, é o que existe realmente: a tarefa de investigar o ente com a preocupação de compreender o seu ser e encontrar os diversos graus e as diversas conexões em seu interior”.<sup>5</sup>

Compreendendo o fundamento de caráter gnosiológico e de âmbito generalizante da expressão extrema direita como expressão para a denominação do integralismo brasileiro, diante de outras manifestações políticas inspiradas em valores de um nacionalismo exacerbado, a pesquisa então foi reorientada para o sentido de compreensão da particularidade da ideologia investigada nos aspectos constitutivos da sua manifestação e desenvolvimento histórico.

A suplantação da denominação neointegralismo foi realizada, pois, aqui se compreende que o integralismo não experimentou nenhum momento de ostracismo e os seguidores de Plínio Salgado nunca deixaram de divulgar seus pressupostos ideológicos, desde sua propagação inicial enquanto proposta política. Seja na AIB entre 1932 a 1938, ou através do Partido de Representação Popular (PRP), entre as décadas de 1940 a 1960. Mesmo o PRP não sendo hegemonicamente integralista, entretanto foi fundado por Plínio Salgado congregando muitos militantes do sigma que deram suporte a organizações de formação juvenil, como os Centros Culturais de Juventude (CCJ), aparelho político voltado à divulgação da ideologia integralista.

Com a morte em 1975 do demiurgo da ideologia integralista os seguidores da ideologia do sigma continuaram a propalar seus ideais objetivando a continuidade da divulgação de seus princípios. Propiciando assim, condições para que na década de 1980 e, especialmente, a partir da década de 1990 em diante, antigas e novas gerações dos herdeiros ideológicos de Plínio Salgado, através de novas organizações e publicações, articulassem militantes e novos adeptos em diversas regiões do país.

Nesse sentido, compreende-se nesta investigação que o termo acrescentado de prefixo derivando a denominação - neointegralismo – pode transparecer indiretamente que se trata de um fenômeno político novo, entende-se aqui, porém, que os integralistas nunca deixaram de militar para a divulgação de sua ideologia. E, através de antigas e novas gerações de adeptos, os herdeiros de Plínio Salgado representam à continuidade de propagação da ideologia do sigma. Assim, a opção foi suplantada a expressão

---

<sup>5</sup> VAISMAN, E. FORTES, R. Apresentação. In **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 21.

neointegralismo por integralismo contemporâneo para delimitar o objeto em questão não abrindo margens para expressões insuficientes para denominação do objeto em foco.

As fontes de pesquisa levantadas e investigadas comprovaram a continuidade do nacionalismo enfático e fanático dos militantes que transpassaram o legado integralista para o século XXI, através de livros, jornais e sites das organizações mantenedoras do ideal do sigma ( $\Sigma$ ), símbolo matemático, usado pela AIB, sendo ostentada nas braçadeiras dos uniformes integralistas na década de 1930 e, utilizado até os dias de hoje pelos agrupamentos integralistas.

A ênfase com que fontes jornalísticas e alguns trabalhos acadêmicos apresentavam a categoria de extrema direita proporcionava inicialmente nesta pesquisa uma qualificação aparentemente consagrada para denominação da identidade política do objeto de estudo em análise.

Entretanto, a expressão extrema direita não perde a sua viabilidade, sendo aqui reelaborado um ajuste de foco que não nega sua operacionalidade, porém, sua utilização é compreendida aqui como mais pertinente enquanto expressão de âmbito jornalístico ou de polemização nos debates políticos, para identificação e embate no sentido de crítica para qualificação dos grupos chauvinistas, aí permanecendo sua possibilidade de utilização e a pertinência de seu caráter operativo; a polemização.

O leitor não munido de informações sobre a diversidade entre os grupos chauvinistas na atualidade rapidamente entende a expressão extrema direita, como sinônimo de nacionalismo exacerbado. Muitas vezes manifestado nas ações de militantes através de práticas violentas portadoras de elementos segregadores, xenófobos, homofóbicos e intolerantes.

Na arquitetura de um trabalho científico, porém, a preocupação com o sistema de categorias e conceitos adequados para identificar a particularização do objeto analisado suscitou o desafio pela busca de parâmetros e critérios mais pertinentes para a prática investigativa e para o método de investigação teórico-analítico.

O pressuposto do método de pesquisa marxiano é o do investigador aberto e atento ao movimento do objeto. Método é a forma de apreensão do movimento do objeto, não um conjunto de regras apriorísticas formais, e devem proporcionar critérios referenciais direcionadas no sentido de apropriação reflexiva da dinâmica do objeto investigado.

A expressão extrema direita já traz de forma intrínseca um juízo valorativo não mediado pela valoração das singularidades que permitem a compreensão das diferenças entre o adjetivo e substantivo. Inviabilizando o entendimento da configuração societal em que se insere o objeto investigado e não propiciando a ponderação das mediações que favorecem a lógica das determinações da particularidade do objeto em estudo.<sup>6</sup>

Entre as fontes de pesquisa analisadas neste estudo expressão extrema direita apresentou-se “como pressuposição prévia e efetiva”<sup>7</sup> para a identificação de grupos nacionalistas herdeiros do fascismo. Devido à expressão ter se firmado nos meios de comunicação devido à repercussão e presença constante nas fontes jornalísticas sobre manifestações de organizações políticas portadoras da defesa de um nacionalismo exacerbado.

A extrema direita é uma abstração generalizadora, assim, se esta perspectiva categorial fosse o alicerce da presente investigação “teríamos uma representação caótica do todo” (MARX, 1974, p. 122).

### **Ideologia autocrática chauvinista regressiva como delimitação conceitual**

Na análise dos objetos investigados, segundo Lukács, é uma prioridade do método analítico marxiano a categoria da totalidade na investigação da historicidade dos fenômenos analisados, sendo intrinsecamente articulada à exigência da abordagem da gênese e da função social do objeto:

Na obra “Ontologia do Ser Social”, o autor húngaro define a abordagem:

elucidar a estrutura originária que representa o ponto de partida para as formas subseqüentes, o seu fundamento insuprimível mas, ao mesmo tempo, tornar visíveis também as diferenças qualitativas que, no curso de desenvolvimento social posterior, acompanham com

---

<sup>6</sup> A ausência de compreensão das particularidades em detrimento das generalizações não propicia a reflexão de que a expressão – extrema direita - presta também um papel ideológico no sentido de uma equivocada afirmação indireta da neutralidade do espectro político de partidos ou regimes de direita que seriam diferenciados daqueles radicalizados, as extremas direitas. Quando se observa que muitos partidos denominados extremistas fazem, ou fizeram parte dos mecanismos democráticos representativos. Vide a Frente Nacional fundado por Jean Marie Le Pen (FN) na França, ou, o extinto Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) no Brasil. Outra problemática, nesse sentido, é a questão do espectro político que representou o Patriot Act, que vigorou a partir de 2001 na sociedade estadunidense. Não afirma-se aqui que não existem diferenças entre partidos da denominada direita, mas sim que a expressão extrema direita pode obscurecer a compreensão de extremismos dentro das instituições do denominado sistema capitalista “democrático”.

<sup>7</sup> MARX, K. Para a Crítica da Economia Política. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1974 p.122.

espontânea inevitabilidade e necessariamente modificam de maneira decisiva, até em relação a determinações importantes, a estrutura originária do fenômeno.<sup>8</sup>

A generalidade da concepção de “fascismos” ou de extrema direita pode ser operativa em âmbito jornalístico e para o embate político na identificação de grupos nacionalistas radicais, como apontado, mas como critério científico de investigação esta ausente de fornecer critérios de análise que ressaltem as particularidades dos agrupamentos chauvinistas, como no caso brasileiro do integralismo.

A denominação extrema direita, como construção conceitual representa uma expressão derivada de uma superficialidade combinatória de complexos ideológicos de natureza diversa, inapropriados para a identificação da manifestação brasileira dos herdeiros de Plínio Salgado.

Compreendendo a inviabilidade das afirmações apriorísticas apontou Sérgio Lessa (1999) respaldado nos pressupostos lukacsianos:

[...] a “abordagem genética” é o exato contraponto às metodologias que propõem a “construção do real” a partir de conceitos teóricos *a priori*. Lukács, escrevendo ao longo dos anos sessenta, concentra os seus argumentos contra o positivismo, que termina por conceber o real como expressão das relações matemáticas, contra o marxismo vulgar [...]. Para Lukács, o real não deve ser deduzido de um conceito abstrato; antes, as abstrações da consciência apenas possuem significado à medida que refletem as relações categoriais do próprio real.<sup>9</sup>

A definição de autocracia chauvinista regressiva como definição para a caracterização da ideologia integralista, como contribuição ao debate sobre sua identidade, é uma proposição conceitual, uma abstração, mas uma *abstração razoável e delimitada*, o ponto de partida do método de investigação. Parafraseando o autor dos Grundrisse:

[...] uma abstração razoável, na medida em que, efetivamente sublinhando e precisando os traços comuns, poupa-nos a repetição. Esse caráter geral, contudo, ou este elemento comum, que se destaca

---

<sup>8</sup> LUKÁCS, G. Ontologia do Ser Social. O Trabalho. p. 111-2 Apud LESSA, S. Lukács, **Ontologia e Método**: em busca de um pesquisador(a) interessado(a). Revista Praia Vermelha, Pós-graduação em Serviço Social, vol.1, n. 2, pp. 141-173, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: [http://www.sergiolessa.com/artigos\\_97\\_01/metodo\\_ontologia\\_1999.pdf](http://www.sergiolessa.com/artigos_97_01/metodo_ontologia_1999.pdf), p. 07. Acesso 13 de abril de 2011.

<sup>9</sup> LESSA, S. 1999, p. 7-8.

através da comparação, é ele próprio um conjunto complexo, um conjunto de determinações diferentes e divergentes.<sup>10</sup>

Na mesma direção, Chasin (2009) fundamentou em seus apontamentos sobre o texto marxiano de 1857 a respeito das *abstrações razoáveis delimitadas* na sua explicação da resolução metodológica da *filosofia da práxis*.<sup>11</sup>

A concepção da ideologia integralista, nesse sentido, como expressão dos valores chauvinistas que marcaram as primeiras décadas do século XX, desde sua gênese, defende a instauração de um Estado centralizador baseado numa lógica corporativista sob a base de valores marcados pelo fundamentalismo religioso.

O modelo de “Estado Integral” defendido pelos líderes integralistas pretéritos e contemporâneos, em sentido estrito, é um modelo autocrático de Estado. Assim, compreende-se nesta pesquisa ideologia do sigma como defensora de um modelo societal autocrático chauvinista regressivo.

Seguindo os pressupostos do autor da *filosofia da práxis*:

[...] e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples.<sup>12</sup>

A tradição autocrática brasileira, propriamente, esta fortemente articulada com modelos regressivos de ordenamento social, como apontaram Florestan Fernandes (2006) em estudo clássico sobre a revolução burguesa no Brasil e José Chasin (1978) em tese sobre o integralismo de Plínio Salgado, qualificado enquanto ideologia

---

<sup>10</sup> MARX, K. 1974, p. 110.

<sup>11</sup> As abstrações razoáveis, relações gerais, ou as mais simples das categorias - pontos de partida da autêntica *démarche* científica – “são determinantes” ou, em outras palavras, “sem elas não se poderia conceber nenhuma” formação concreta; todavia, elas não determinam nenhum objeto real, isto é, “não explicam nenhum grau histórico efetivo” de existência. Mesmo assim, “o curso do pensamento abstrato se eleva do mais simples ao complexo”, ou seja, “as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento”, e nesse itinerário é que se realiza “o método que consiste em se elevar do abstrato ao concreto”. Realização metodológica que subentende, pois, uma complexa metamorfose das abstrações razoáveis, pela qual, mantendo a condição de pensamentos, isto é, de abstrações, deixam de prevalecer como momento abstrato para se converter em *momentos concretos* da apreensão ou reprodução dos graus históricos efetivos dos objetos concretamente existentes. Um dos aspectos fundamentais dessa transformação compreende a intensificação da *razoabilidade* dessas categorias simples, ou seja, a atualização das virtualidades de sua natureza ontológica enquanto forma de apropriação ideal dos objetos reais. [...] Em termos bem sintéticos, na rota que vai do simples ao complexo, do abstrato ao concreto, as abstrações razoáveis devem perder generalidade por especificação, adquirindo os perfis da particularidade e da singularização, ou seja, a fisionomia de abstrações razoáveis *delimitadas*. CHASIN, J. 2009, p. 129 - 130.

<sup>12</sup> MARX, K. 1974, p. 122.

regressiva, assentada em valores excludentes e segregadores e legitimados por valores ruralistas e religiosos:

[...] o fascismo é uma ideologia de mobilização nacional para a guerra imperialista, que se põe nas formações de *capitalismo tardio*, quando estes emergem na condição de elos débeis da cadeia imperialista, e o integralismo uma manifestação de regressividade nas formações de *capitalismo híper-tardio*, uma proposta de freagem do desenvolvimento das forças produtivas, com um apelo ruralista, no preciso momento em que estas principiam a objetivar o “capitalismo verdadeiro”<sup>13</sup>

Na mesma direção Chasin (2009) em trabalho posterior ressalta a pertinência da consideração das particularizações dos objetos investigados como critério do método ontológico de abordagem:

A consideração das diferenças é, pois, uma exigência fundamental, decorrente do critério ontológico de abordagem, tendo presente que a distinção ou a identidade de certa formação de qualquer tipo é dada, precisamente, por aquilo que a diferencia dos elementos gerais e comuns copertentes às demais que integral o mesmo conjunto.<sup>14</sup>

Partindo da concepção de autocracia chauvinista regressiva enquanto *abstração razoável delimitada*, no sentido marxiano do termo, o objetivo foi identificar como esta manifestação particular de proposição ideológica autocrática, o integralismo, representa em perspectiva nacional uma manifestação política concreta que esta articulada ao advento de organizações chauvinistas que exercitam sua prática política numa guerra de posição na sociedade para a difusão de valores antagônicos a igualdade e a emancipação de gênero humano.

Segundo Chasin (2009, p. 130-131) seguindo a concepção de *abstrações razoáveis delimitadas*, norteado pelos parâmetros do “Posfácio” em O Capital:

[...] a investigação marxiana está remetendo a multilateralidade determinativa de toda uma conformação fenomênica, ou seja, referindo que todo o objeto, intrínseca e extrinsecamente, e se manifesta como um feixe entrelaçado de inúmeras determinações, para cuja adequada reprodução teórica são indispensáveis à *delimitação* e a *articulação* das abstrações razoáveis. Desde logo porque a articulação, fase conclusiva do processo analítico é também uma exigência de delimitação, levando em conta que as abstrações razoáveis, umas em face das outras, têm de ser compatibilizadas entre si, o que implica recíprocas determinações delimitadoras, pelas quais

---

<sup>13</sup> CHASIN, 1978, p. 647.

<sup>14</sup> CHASIN, 2009, p.125.

são estabelecidas as proporções com que integral a reprodução final do objeto investigado. [...] Todavia, a exigência de *delimitação* promovida pela articulação é um efeito de sua natureza. *Ponto de chegada* da analítica marxiana, momento culminante da produção do “concreto de pensamentos”, [...] de acordo com as próprias palavras de Marx – “A pesquisa tem que captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de sua evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído este trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento do real”. Por isso mesmo, como estágio mais desenvolvido do próprio método, que integra e proporciona à plena realização de seus momentos anteriores, a articulação, além de sua relevância intrínseca, confirma e explica os passos antecedentes e, por extensão, o método em seu todo.

Parafrazeando o autor dos Grundrisse: “Chegado a este ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem do modo inverso [...] mas, desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém, com uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (Marx, 1974, p.122). [...] “Enquanto que o método consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado” (MARX, 1974 p. 123).

Para José Chasin (2009, p. 89) em sua análise da resolução metodológica marxiana, não há uma elaboração metodológica explicitamente elaborada por Marx, seus pressupostos de método de análise são resultantes de momentos de reflexão apresentados em algumas obras pontuais em oposição e, em ruptura com o método especulativo, como os “Manuscritos econômicos-filosóficos”, no primeiro capítulo sobre Feurbach, na obra “Ideologia alemã”, na polêmica contra Pierre-Joseph Proudhon, na obra “Miséria da Filosofia”, onde no segundo capítulo é precedida uma discussão metodológica sobre a categoria de totalidade. E, no escrito intitulado “Para a crítica da economia política,”, os Grundrisse.

A perspectiva de método de investigação elaborada por Marx é arquitetada em sentido mais amplo na obra “Para a Crítica da Economia Política”, onde é configurada e explicitada a perspectiva de método de análise de seu objeto, o programa elaborado para o seu trabalho mais sofisticado “O Capital”.

O pressuposto norteador do método de investigação marxiano propicia a compreensão da diferença entre *método de investigação* e *método de exposição*. O método de investigação enquanto registro e reflexão do que o pesquisador desenvolveu distinto do método de exposição, enquanto resultado das reflexões de uma investigação.

O ponto de partida do conhecimento teórico se dá a partir de acontecimentos historicamente concretos, ou um conjunto de acontecimentos. Entretanto, as construções especulativas fundamentadas meramente no empirismo são limitadoras. Marx e Engels não recusaram a análise empírica do real, pois, a expressão fenomênica é importante, mas é o ponto de partida da investigação.<sup>15</sup>

Marx e Engels partem da aparência, esta é um marco, um indicador dos processos históricos. O ser histórico é processo, é movimento e, se a aparência revelasse os nexos constitutivos para a compreensão do objeto, a pesquisa seria desnecessária.

O primeiro passo do conhecimento teórico é tomar a factualidade como indicadora do processo em análise, mas, as aparências também mistificam, ocultam, devido a isto, compreende-se a negação da simples empiria no método marxiano. Porém, a negação da factualidade não recusa o dado empírico, mas, estes dados não possibilitam a reconstrução teórica. A construção teórica segundo os pressupostos marxianos é a negação da aparência empírica do real (NETTO, 2002).<sup>16</sup>

O resultado da razão é identificar esses processos num movimento de abstração que parte da factualidade dos processos que a implicam, dos processos históricos sociais de que os fatos em análise são a aparência. Negar a empiria passa pelo processo de abstração e, só por esse momento de abstração intelectual é que é possível abandonar o nível do abstrato generalizante (NETTO, 2002). E, este processo de abstração razoável é que permite a razão superar a expressão factual não particularizada.

O pensamento investigativo científico explora processos históricos sociais e pelo caminho da abstração outros nexos constitutivos da realidade investigada são identificados pelo pesquisador. Estes novos processos também são dados fáticos. Por isso, em sentido marxiano, no *método de exposição* há um retorno a empiria que é uma

---

<sup>15</sup> Na nota “Redução da filosofia da práxis a uma sociologia” Antonio Gramsci já apontava de forma irônica os limites da empirismo nas análises das investigações em ciências humanas apontando o caráter mecanicista e empobrecido dos enfoques que particularizam análises da realidade social sobre o crivo de suas aparências captadas pelo método empirista: “Sobre raciocinar segundo médias estatísticas. Sobre raciocinar e especialmente “pensar” segundo medias estatísticas. Neste caso, é útil recordar a anedota segundo a qual, se Fulano faz duas refeições por dia e Beltrano nenhuma, “estatisticamente” Fulano e Beltrano fazem “em média”, cada qual, uma refeição por dia. A deformação de pensamento originada pela estatística é muito mais difundida do que se acredita. Generalização abstrata, sem uma retomada contínua de contato com a realidade concreta. Recordar que um partido austríaco, que tinha dois filiados num sindicato, escreveu que sua influência no sindicato havia crescido 50% porque um terceiro filiado se somou aos dois primeiros.” GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**, vol. 4. Caderno 26, nota 05. Temas de Cultura, Civilização Brasileira, 2001, p. 82.

<sup>16</sup> Informação obtida no curso ministrado pelo prof. Dr. José Paulo Netto “O Método em Marx.” Ministrado para o curso de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE em 2002. Disponível em: [http://www.cristinapaniago.com/jos%C3%A9\\_p\\_netto\\_-\\_curso\\_o\\_m%C3%A9todo\\_em\\_marx\\_-\\_](http://www.cristinapaniago.com/jos%C3%A9_p_netto_-_curso_o_m%C3%A9todo_em_marx_-_) Acesso em 15 de julho de 2011.

exigência para a compreensão dos nexos constitutivos da realidade histórica concreta investigada, porém, acrescidas do entendimento de novas determinações que influenciam a compreensão.

O retorno analítico do método das duas vias é a reconstrução expositiva das determinações que envolvem o objeto pesquisado (NETTO, 2002).

Conhecer o objeto é conhecer suas determinações, encontrar as determinações e suas relações é buscar as suas mediações para que o conhecimento teórico possa ser exposto, ultrapassando a aparência imediata do fenômeno ao qual o pesquisador se debruça. É a suplantação do dado imediato que é elevado a compreensão da síntese pelas suas múltiplas determinações. Esta síntese é o que Marx denominou de concreto. É o pensamento que produz a construção do objeto, por isso, a expressão, concreto pensado.

As determinações são traços do movimento constitutivo do fenômeno social analisado, sendo a empiria o primeiro nível de análise da realidade concreta e, estes traços constitutivos são captados analiticamente através de categorias e conceitos.

As categorias e os conceitos são construções teóricas do processo histórico da realidade, são formas de ser da realidade como resultado da análise do real pela razão, através de abstrações razoáveis e delimitadoras, propiciando a apreensão de determinações reflexivas. E, na análise das relações entre *método de investigação* e a fundamentação alicerçada nas fontes bibliográficas e documentais novas categorias foram articuladas na busca de uma melhor apreensão do objeto no sentido da sua particularidade.

Neste sentido, a interpretação da ideologia integralista como manifestação autocrática chauvinista regressiva, como apontado, é um silogismo: autocracia é a generalidade do fenômeno político no âmbito de sua universalidade; chauvinismo, a particularidade da identidade ideológica do objeto; o integralismo brasileiro a singularidade do caso nacional mais expressivo do fenômeno em questão, marcado por axiomas regressivos que denotam a particularidade de sua proposta política.

O critério para esta percepção é explicitado por Lukács (1970, p. 81):

Os exemplos citados são suficientes para indicar como é rico e variado o modo pelo qual a dialética de universal e particular se manifesta na realidade histórico-social e como seria falso deduzir antecipadamente destes processos, tão diversos um do outro, um esquema qualquer. A ciência autêntica extrai da própria realidade as condições estruturais e as suas transformações históricas e, se formula leis, estas abraçam a universalidade do processo, mas de um modo tal que deste conjunto

de leis pode-se sempre retornar - ainda que frequentemente através de muitas mediações – os fatos singulares da vida. É precisamente esta a dialética concretamente realizada de universal, particular e universal. Esta conexão pode ser estudada muito bem na análise que Marx nos fornece do capital em geral.<sup>17</sup>

O método ontológico é o fundamento para a análise das determinações sociais, no intento de compreensão dos objetos históricos, em oposição às análises subjetivas a ontologia aborda a estrutura da realidade histórico-concreta, objetivando a suplantação das formas gnosiológicas de entendimento para a determinação social do pensamento.

O sentido de uma proposição ideológica alicerçada na defesa de um modelo de Estado de autoridade irrestrita e fundamentada em valores nacionalistas enfáticos propiciam a identificação dos pressupostos integralistas como uma manifestação ideológica defensora de um modelo de ordenamento social autocrático chauvinista regressivo.

Seguindo as orientações do autor da filosofia da práxis:

Este exemplo mostra de uma maneira muito clara como até as categorias mais abstratas - precisamente por causa de sua natureza abstrata -, apesar de sua validade para todas as épocas, são contudo, na determinidade desta abstração, igualmente produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para estas condições e dentro dos limites destas (MARX, 1974, p. 126).

Nas categorias elementares do método marxiano são ressaltados os preceitos categoriais de totalidade, contradição e mediação. A totalidade é a categoria nuclear do método marxiano, mas, o que dinamiza a compreensão da totalidade dos fenômenos são os sistemas de contradição. Totalidade e contradição só tem sentido com a categoria de mediação. Este sistema de categorias é um sistema aberto porque a lógica da categoria não encerra o movimento do objeto (NETTO, 2002).

O integralismo identificado nesta pesquisa segundo os pressupostos da obra “O estruturalismo e a miséria da Razão.” (COUTINHO, 2010), como manifestação de decadência ideologia na cultura contemporânea nacional.

A concepção lukacsiana de decadência ideológica<sup>18</sup> foi formulada no ensaio

---

<sup>17</sup> LUKÁCS, G. **Introdução a uma Estética Marxista:** sobre a Particularidade como categoria da Estética. Editora Civilização Brasileira, Rio Janeiro, 1970, p. 81.

<sup>18</sup>NETTO, J. P. Posfácio. In: COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e a Miséria da razão.** 2. Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2010. p. 273. “Seguindo indicações de Marx, Lukács vê nas revoluções de 1848 uma inflexão no processo de desenvolvimento do pensamento burguês: se, até então, ainda se conservaram nele as conquistas (especialmente a dialética) próprias do período de ascensão revolucionária da burguesia em sua luta contra o *Ancien Régime*, a resposta burguesa aos eventos

“Marx e o problema da decadência ideológica” (LUKÁCS, 1968), desenvolvido inicialmente por G. Lukács no livro “Marxismo e teoria da literatura” e aprofundado em sua obra “O assalto a razão” (LUKÁCS, 1959).<sup>19</sup>

As manifestações políticas chauvinistas são compreendidas aqui como concepções irracionais de ordenamento social, no sentido atribuído por Lukács na sua obra “O assalto a Razão” onde o autor defende que as expressões intelectuais irracionais são determinadas pela agudização das lutas de classes em cada país e pelas heranças ideológicas do pensamento social de uma época (LUKÁCS, 1972 p. 15).

### **Intelectuais chauvinistas como demiurgos de teleologias secundárias e a análise de seus materiais ideológicos**

Para Antonio Gramsci (2004) todos os grupos sociais desenvolvem segmentos intelectuais com o objetivo de proporcionar homogeneidade e consciência de suas próprias funções<sup>20</sup>, objetivando a necessidade de criar condições para a expansão de sua própria classe ou fração de classe.

A ênfase de Gramsci sobre o papel dos intelectuais para compreender uma determinada realidade social suplanta perspectivas de caráter sociológico, o autor

---

revolucionários de 1848, revelando o esgotamento de seu papel progressista e de seu transito ao campo do conservadorismo, mostra que ela enquanto classe, já não pode mais enfrentar teoricamente os problemas decisivos da vida social. Um pensamento funcional aos interesses da burguesia, a partir de então e à diferença do período anterior a 1848 deve resvalar necessariamente para a apologia (direta e/ou indireta) da ordem estabelecida, expressando-se nos marcos do racionalismo (James Mill) ou do irracionalismo (de que a ulterior obra de Nietzsche será emblemática). Esta direção teórico-filosófica expressa precisamente a *decadência ideológica*, consiste na ruptura com a herança cultural do período anterior, na negação do caráter contraditório e transitório da sociedade burguesa e no evasão em fase das questões decisivas da vida social – centralmente, a exploração do trabalho pelo capital [...]. Do ponto de vista da filosofia a decadência ideológica se manifesta pela assunção do ecletismo do relativismo e pela dissolução de elaborações sistemáticas. [...] Lukács entende que a decadência ideológica ao é uma condição, mas um processo historicamente constituído – e, por isso, apresenta traços que variam conforme o envolver do capitalismo (no estágio imperialista, a decadência ideológica apresenta particularidades antes inexistentes). É imperioso ressaltar que as determinações da decadência dizem respeito à burguesia como classe – o que significa que indivíduos desta classe podem romper com ela e lutar exitosamente contra as trágicas limitações que ela lhes impõe.”

<sup>19</sup> LUKÁCS, G. **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Também sobre a questão da decadência ideológica ver: NETTO, J. P. **Lukács e a crítica da filosofia burguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1978

<sup>20</sup> “Em outros termos: os intelectuais não são uma classe, mas uma categoria social; não se definem pelo seu lugar no processo de produção, mas por sua relação com as instâncias extra-econômicas da estrutura social; do mesmo modo que os burocratas e os militares se definem por sua relação com o político, os intelectuais situam-se por sua relação com a superestrutura ideológica. Quer dizer: os intelectuais são uma categoria social definida por seu papel ideológico: eles são produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológicos culturais.” LÖWY, M. **A evolução política de Lukács (1909-1929)** São Paulo: Cortez, 1998, p.25)

adverte que o erro metodológico mais difundido é buscar como critério para entendimento das dimensões da acepção de intelectuais no que é intrínseco as atividades dos mesmos, no sentido de uma compreensão articulada acepção “enciclopédica” desta categoria. Em vez de analisar o papel das relações entre atividades intelectuais no conjunto das relações sociais.

Segundo o autor, na sua produção teórica realizada no cárcere fascista, em específico no Caderno 12:

Quais são os limites “máximos” da acepção de “intelectual”? É possível encontrar um critério unitário para caracterizar igualmente todas e as diversas e variadas atividades intelectuais e para distingui-las, ao mesmo tempo e de modo essencial, das atividades de outros agrupamentos sociais? O erro metodológico mais difundido, ao que me parece, é ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, em vez de buscá-lo no conjunto do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram no conjunto geral das relações sociais. [...] Um das características mais marcantes de todo grupo que se desenvolve no sentido de domínio é a sua luta pela assimilação e pela conquista “ideológica” dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos.<sup>21</sup>

Os intelectuais orgânicos da burguesia, segundo o referido autor, são os “prepostos” do grupo dominante para o exercício das funções subalternas de hegemonia social e do governo político, suas funções são propalar o consenso entre a população de determinado sistema social segundo os paradigmas dos grupos hegemônicos, ou em busca de hegemonia, exercendo uma função político-social no sentido de mediação política e cultural.

A concepção gramsciana de que os fenômenos ideológicos ganharam uma materialidade autônoma não pode ser desvincilhada da articulação do papel desempenhado pelos intelectuais, pela imprensa e pelos partidos políticos.

Nesse sentido ressalta-se a função dos intelectuais chauvinistas, por exemplo, na construção do partido integralista brasileiro, nas manifestações contemporâneas de atuação dos intelectuais do sigma e no seu papel organizativo para divulgação e defesa dos princípios defendidos.

Segundo Antonio Gramsci:

---

<sup>21</sup> GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. vol. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 3. Ed. Caderno 12. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 18-19.

O ponto central da questão continua a ser a distinção entre intelectuais como categoria orgânica de cada grupo social fundamental e intelectuais como categoria tradicional, distinção da qual decorre toda uma série de problemas e de possíveis pesquisas históricas. O problema mais interessante é o que diz respeito, se considerado deste ponto de vista, ao partido político moderno, às suas origens reais, aos seus desenvolvimentos, às suas formas. O que se torna o partido político ao problema dos intelectuais? É, necessário fazer algumas distinções: 1) para alguns grupos sociais, o partido político é nada mais do que o modo próprio de elaborar a sua categoria de intelectuais orgânicos, que se foram assim, e não podem deixar de formar-se, dadas as características gerais e as condições de formação, de vida e de desenvolvimento do grupo social dado, diretamente no campo político e filosófico [...]. 2) o partido político, para todos os grupos, é precisamente o mecanismo que realiza na sociedade civil a mesma função desempenhada pelo Estado, de modo mais vasto e mais sintético, na sociedade política, ou seja, proporciona a soldagem de intelectuais orgânicos de um dado grupo, o dominante, e intelectuais tradicionais; e esta função é desempenhada pelo partido precisamente na dependência de sua função fundamental, que é a de elaborar os próprios componentes [...], até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral [...].<sup>22</sup>

As manifestações de ideologias autocráticas chauvinistas se apresentaram na década de 1920 e 1930 como parte de um novo fenômeno político entre as ideologias de partidos da direita liberal ou das propostas de Estado socialista. Nesse contexto a hegemonia das potências ocidentais é ameaçada pela nova rearticulação de forças que potencializam a crise do bloco histórico.

Na sua obra “Introdução ao Fascismo” o filósofo Leandro Konder apontou que na análise das conflitualidades nas sociedades a distinção entre fenômenos políticos de esquerda e direita não perde sua funcionalidade para compreendermos as manifestações em questão.<sup>23</sup> Segundo Konder, Mussolini e Hitler conquistaram um

---

<sup>22</sup> GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. vol. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 3. Ed. Caderno 12. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 23; 24; 25.

<sup>23</sup> O recurso aos conceitos de “direita” e “esquerda” tem sido ultimamente, muito questionado. [...] Na realidade, o conceito de direita é imprescindível a uma correta compreensão do conceito de fascismo, embora seja mais amplo do que este: a direita é o gênero de que o fascismo é uma espécie. E o objetivo do presente ensaio é exatamente esclarecer o que é que esta espécie apresenta de *novo* no quadro da evolução geral do gênero a que ela pertence. Em sua essência, a ideologia de direita representa sempre a existência (e as exigências) de forças sociais empenhadas em conservar determinados privilégios, isto é, em conservar um determinado sistema sócio-econômico que garante o estatuto de propriedade de tais forças são beneficiárias. Daí o conservadorismo intrínseco da direita. O conteúdo conservador de uma concepção não implica que ela se exteriorize necessariamente numa *política de resistência passiva à mudança*. Os conservadores sabem que, para uma política para ser eficaz, ela precisa ser levada à prática através de iniciativas concretas, manobras, concessões, acordos, golpes de audácia, formas de arregimentação das forças disponíveis que transcendem da mera atitude *doutrinária*. Um certo pragmatismo portanto, se encontra em todas as expressões qualificadas de direita. [...] O fascismo

lugar no centro da história a partir do século XX: “como pioneiros de uma nova concepção política de direita.” (KONDER, 2009, p. 26).

Na década de 1920 a Itália foi o cenário da implantação do regime de Estado corporativo fascista. A crise sistêmica propagada naquele contexto na Europa, América e Ásia propiciaram emersão de novos movimentos e partidos políticos acirrando a disputa entre tendências de projetos e regimes de Estado em bases dirigistas. O Fascismo surge como regime de Estado Intervencionista, um Estado de exceção e, para Poulantzas (1971), é precisamente o espectro da crise política que corresponde o advento do Fascismo.

No início do século XX as ideologias em disputa em escala nacional e internacional foram redimensionadas, através também das novas determinações propiciadas pela difusão da imprensa pelas tecnologias de informação e comunicação, ainda naquele período em gradual desenvolvimento, alterando as condições materiais das disputas ideológicas dos aparelhos do Estado e dos aparelhos privados de hegemonia, como os movimentos e partidos políticos.

A herança conservadora metamorfoseou-se, aglutinando a possibilidade de articulação da mobilização da sociedade civil, com as novas condições de uma sociedade de massas, vociferando a necessidade de asteamento das bandeiras das comunidades nacionais dirigidas sob a tutela do mito do Estado forte e de lideranças políticas personalistas.

A prévia- ideiação, o planejamento que antecede e dirige a ação, ao ser levada a prática, se materializa, se objetiva, propiciando causalidades e novos nexos causais no mundo objetivo. Nesse sentido, a categorização de uma teleologia chauvinista é compreendida aqui enquanto projeção de uma finalidade de ação, neste caso, de intervenção política de intelectuais herdeiros do conservadorismo, gerando novos nexos causais nas disputas e conflitualidades dentro da sociedade civil e da sociedade política. As ideologias são um instrumento de luta social e tem uma função social de legitimação ou construção de uma nova hegemonia política.

---

representou, na história contemporânea da direita, uma enérgica tentativa de superar a situação altamente insatisfatória que a contradição de que vínhamos falando tinham criado para as forças conservadoras mais resolutas. Enfrentando o problema das tensões que se haviam criado no âmbito da direita entre a teoria e a prática, o fascismo adotou a solução do *pragmatismo radical, servindo-se de uma teoria que legitimava a emasculação da teoria em geral*. KONDER, L. **Introdução ao fascismo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 27; 28; 29.

Um processo de objetivação para ter êxito deve ter por base um efetivo setor da realidade que se pretende influenciar, assim, as finalidades são sempre socialmente construídas, na lógica lukacsiana compreendida como *intentio recta*, mirando a busca e seleção dos meios que impulsionem a consciência para além de si própria. Entende-se aqui que, nesse sentido, que as transformações na esfera do ser social e as novas determinações dos avanços tecnológicos possibilitaram a reconfiguração e metamorfose de elementos da tradição conservadora transmutada ao chauvinismo das autocracias das primeiras décadas do século XX.

Com novas fórmulas organizacionais que se propunham a um projeto político nacionalista, corporativista, centralizado, e fortemente hierárquico, sustentado através da utilização de técnicas de propaganda modernas como a imprensa, o rádio e o cinema que se apresentavam como novas ferramentas de objetivação da práxis de militantes chauvinistas.

As ações através da propaganda política por tecnologias de comunicação e informação são mediações que propiciam, possibilidades no agir, mediações estas que ocorrem na consciência e se manifestam nas práticas sociais enquanto fenômenos históricos.

Com o desenvolvimento das novas determinações na esfera do ser social, as relações sociais reificadas, que articulam os homens entre si e com a natureza, assumem uma objetividade própria, elas assumem a aparência de uma segunda natureza. Nessa situação a vida em sociedade recebe determinações que na imediatez lhe parecem externas; por exemplo, a concepção das comunidades nacionais como comunidades naturais e o entendimento do indivíduo enquanto componente de um corpo social na acepção organicista destes termos.

Para Lukács estas concepções são denominadas de ontologias fictícias, tais ontologias fornecem uma compreensão incongruente da esfera social, situando os indivíduos numa determinada relação equivocada com o existente.

Os intelectuais das autocracias ocidentais através de formulações científicistas fizeram a exegese de suas concepções de ordenamento social sob fundamentações da ciência como instancia neutra, buscando legitimar suas proposições. O elemento comum de valorização de defesa da ciência enquanto instancia neutra propiciou fundamentos discursivos para lógica positivista do critério da falseabilidade herdado da tradição empirista, como condição para a fundamentação de compreensão da realidade.

E sob paradigmas cientificistas muitos intelectuais, como por exemplo, Carl Schmitt e Giovanni Gentile, intentaram observar e interpretar a realidade em busca de possibilidades de compreensão das contradições sociais visando à intervenção nas sociedades, para a proteção da nação.

As ideologias autocráticas chauvinistas têm a finalidade e a função social de ordenamento em sociedades que experimentam conflitos classistas e contradições inerentes ao funcionamento sistêmico da ordem social do capital. Assim, seguindo os pressupostos de Lukács estas ideologias são aqui entendidas enquanto *teleologias secundarias*; aquelas voltadas a persuasão de outros indivíduos para que ajam de determinada maneira, influenciando sua visão de mundo, também influenciando sua reprodução social.

A própria existência de ontologias fictícias ao colocarem os problemas relativos às finalidades de existência colabora como fator propiciador de tomada de consciência reificada, na sua dimensão social ocasionando conseqüências éticas desagregadoras.

Segundo Sérgio Lessa (1996):

Apenas assinalamos como, nesse contexto, uma interpretação falseada, uma ontologia fictícia, pode jogar um papel fundamental para o desenvolvimento do gênero humano. Normalmente, tal ontologia fornece uma compreensão provisória do cosmos que situa o homem em uma determinada relação com o existente, influenciando o desenvolvimento de sua visão de mundo e, deste modo, também influenciando, mais ou menos diretamente, sua própria reprodução social. A própria existência de uma ontologia fictícia, ao colocar o problema de uma vida plena de sentido, é fator importante para uma tomada de consciência, em escala social, dessa problemática e das suas ressonâncias éticas, morais [...] Esse impulso à constituição de “ontologias fictícias [...] Lukács denomina de *intentio obliqua*. Fazendo uma contraposição com a *intentio recta*, a *intentio obliqua* se constitui enquanto uma interpretação globalizante do existente a partir de uma antropomorfização do ser. A teleologia, categoria puramente social, é estendida a toda natureza, convertendo-se em categoria que confere sentido á ordem universal. A teleologia, de humana e restrita ao ser social, torna-se divina, universal.<sup>24</sup>

A busca de sentidos para a vida em sociedade é um complexo de proposições, que propiciam a origem a novos complexos sociais, expressados em filosofias e ideologias políticas. Como aponta Sérgio Lessa (1996, p.44), “fazendo uma contraposição com o *intentio recta*, o *intentio obliqua* se constitui enquanto uma interpretação globalizante do existente a partir de uma antropomorfização do ser”,

---

<sup>24</sup> LESSA, Sérgio. **Ontologia de Lukács**. Maceió: Edufal, 1996, p. 41; 42; 43.

conferindo sentido a uma ordem universal marcada. Como a concepção maniqueísta representada numa interpretação reificada entre nacionalismos de direita e as tendências da esquerda, como por exemplo, a concepção entre a direita cristã e a esquerda ateuísta, ou entre as disputas entre a preservação das comunidades nacionais contra o internacionalismo de esquerda.

As ideologias autocráticas chauvinistas são formas de ontologias fictícias, manifestações ideológicas que servem para tornar conscientes e operativas a práxis social dos homens (LESSA, 1996 p. 52).

Nesse sentido, a complexificação das relações sociais propicia origem a complexos sociais específicos que tem a função de regular a práxis social de modo a tornar possível (operativa) a reprodução da sociedade. Assim, as concepções autocráticas chauvinistas representam uma proposição de ordenamento social de intervenção e mobilização. Como por exemplo, a concepção de superioridade teutônica, a defesa de reconstrução do império italiano.

No caso brasileiro, o apanágio integralista da oposição entre ideologias materialistas representadas, segundo seus intelectuais pelo liberalismo e o comunismo, opostas à pretensa característica “espiritualista” da ideologia do sigma defendida Plínio Salgado e seus herdeiros.

Os intelectuais chauvinistas também fundamentaram ontologias fictícias nas concepções sobre o Direito, como Carl Schmitt, que com seu modelo de Estado de Exceção colaborou para a fundamentação de fenômenos políticos particulares, como o Estado nazista. Contudo, a lógica schmittiana de ordenamento é invertida em seus fundamentos. Não é mais o desenvolvimento social que funda o direito, mas é o estabelecimento de um ordenamento jurídico que fundaria a sociedade do Reich. Ocorrendo a defesa da naturalização do direito naquele sistema autocrático como reflexo dos valores de uma pretensa natureza humana.

Como apontado, as ideologias são formas de elaboração ideal da realidade que servem para tornar consciente e operativa a práxis social dos indivíduos.

Estes elementos também podem ser encontrados na concepção de direito do integralista Miguel Reale, na primeira metade do século XX, assim como, nas formulações mais recentes das lideranças integralistas na atualidade. Pois, para os intelectuais do sigma, pretéritos e atuais, as sociedades são organizadas por “grupos naturais”, sendo eles a família, o município, os grupos profissionais e a Nação.

Antonio Gramsci fundamentou os potenciais do seu método de análise na nota

dois do caderno 16, dos “Cadernos do Cárcere”, como método de crítica textual mediado pela compreensão das dimensões sociais que envolvem o objeto em investigação. Esta perspectiva foi utilizada nesta pesquisa para a compreensão dos pressupostos dos herdeiros do integralismo que objetivam reorganizar o movimento.

Para o autor, a compreensão dos paradigmas existentes em uma sociedade é propiciada também pelo estudo da estrutura ideológica presente nos órgãos de imprensa. Referindo-se sobre estas possibilidades de investigação, denominou no seu terceiro caderno miscelâneo na nota 49 o estudo destas fontes de análise como “material ideológico”. Proporcionando indicações importantes de como a imprensa representa um canal de compreensão importante para a investigação das organizações em disputa nas sociedades.

O pesquisador Joseph Buttigieg no seu artigo “O Método em Gramsci.”<sup>25</sup> resgatou elementos fundamentais das possibilidades da crítica às ideologias através da crítica textual enquanto instrumental nas investigações sob a perspectiva materialista. Estas concepções foram articuladas a elementos da crítica gramsciana ao positivismo.<sup>26</sup>

A riqueza do artigo de Joseph Buttigieg (1998) retomou a crítica à sociologia positivista no enfoque da importância dos fundamentos históricos que norteiam os pressupostos marxianos, seguidos por Gramsci. Principalmente nas suas admoestações ao explicitar a crítica gramsciana aos limites das análises de cunho positivista.

A nota de Antonio Gramsci “Redução da filosofia da práxis a uma sociologia”, foi retomada por Buttigieg (1998) que enfatizou as fundamentações críticas do autor italiano sobre a pretensão de fundamentar “leis gerais e universais explicativas” na aceção equivocada de que os fenômenos históricos são regidos por leis sociológicas.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup>BUTTIGIEG, Joseph. O método em Gramsci. 1998. In: **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=290>. Data de acesso: 03 de fevereiro de 2011.

<sup>26</sup>“Munidos de um conjunto de princípios metodológicos, eles colocam cada elemento numa totalidade predeterminada. Como confundem sua fórmula mecanicista com a própria história, não existe experiência histórica ou evento que eles considerem em sua especificidade. Cada elemento trazido à luz pela pesquisa histórica serve unicamente para preencher os pequenos vazios e confirmar a precisão do quadro geral. Os trechos seguintes da mesma nota apresentam uma concepção alternativa do materialismo histórico. Segundo tal concepção, a filosofia da práxis não é sociologia, mas história, e a metodologia a ela apropriada deve ser derivada não das ciências naturais, mas do âmbito da crítica e da interpretação, isto é, da "filologia". No texto A da mesma nota, as relações entre marxismo, história e filologia são descritas ainda mais sinteticamente: "A 'experiência' do materialismo histórico é a própria história, o estudo dos fatos particulares, a 'filologia' [...] A 'filologia' é a expressão metodológica da importância dos fatos particulares entendidos como 'individualidades' definidas e precisas". Ibid, 1998.

<sup>27</sup> “Uma nota originalmente intitulada *Maquiavel e Marx*, que aparece, revista, no caderno dedicado às *Breves notas sobre a política de Maquiavel*, contém a seguinte afirmação: "A inovação fundamental introduzida pela filosofia da práxis na ciência da política e da história é a demonstração de que não existe

Gramsci não negou a validade da sociologia enquanto instrumental analítico, porém, esta para ele, tem validade como potencial, não de fundamentar “leis gerais nexos de causais”, mas sim, de ser um instrumental para a construção de hipóteses na análise da realidade social e, seus resultados devem ser submetidos a fundamentação.

Antonio Gramsci fundamentou os potenciais do método de análise das ideologias, utilizado nesta investigação para a compreensão dos pressupostos dos herdeiros do integralismo.

Segundo Gramsci, na nota dois do caderno 16:

Questões de método, Se se quer estudar o nascimento de uma concepção do mundo que não foi nunca exposta sistematicamente por seu fundador (e cuja coerência essencial se deve buscar não em cada escrito particular ou série de escritos, mas em todo o desenvolvimento do variado trabalho intelectual em que os elementos da concepção estão implícitos) [...]. É preciso, antes de mais nada, reconstruir o processo de desenvolvimento intelectual do pensador dado para identificar os elementos que se tornaram estáveis e “permanentes”, ou seja, que foram assumidos como pensamento próprio, [...]. Esta seleção pode ser feita levando em conta períodos mais ou menos longos, tal como se determinam intrinsecamente e não a partir de informações externas (que também podem ser utilizadas) [...]. Esta série de observações é tanto mais válida quanto mais o pensador dado é bastante impetuoso, de caráter polêmico, e não tem espírito de sistema, quando se trata de uma personalidade na qual a atividade teórica e a prática estão indissolúvelmente entrelaçadas, de um intelecto em contínua criação e em perpétuo movimento [...]. Dadas estas premissas, o trabalho deve seguir estas linhas: 1) a reconstrução da biografia não só no tocante a atividade prática, mas especialmente no tocante à atividade intelectual; 2) o registro de todas as obras, mesmo as mais secundárias, em ordem cronológica, dividido segundo motivos intrínsecos: de formação intelectual, de maturidade, de posse e aplicação do novo modo de pensar e conceber a vida e o mundo. A pesquisa do *leitmotiv*, do ritmo do pensamento em desenvolvimento, deve ser mais importante do que as informações particulares e casuais e dos que os aforismos isolados. Este trabalho preliminar possibilita toda a pesquisa subsequente.<sup>28</sup>

A compreensão dos paradigmas existentes em uma sociedade é propiciada pelo estudo da estrutura ideológica presente nos órgãos de imprensa, o interprete da Filosofia da Práxis referindo-se as possibilidades de investigação dos grupos dominantes,

---

uma 'natureza humana' abstrata, fixa e imutável (conceito que certamente deriva do pensamento religioso e da transcendência), mas que a natureza humana é o conjunto das relações sociais historicamente determinadas, ou seja, um fato histórico verificável, dentro de certos limites, com os métodos da filologia e da crítica". Os métodos da filologia e da crítica estão sempre operantes nos *Cadernos do cárcere* de Gramsci. Mas não foi suficientemente enfatizado o conjunto enorme de informações particularizadas registradas nos *Cadernos* – o método "filológico" em uso nos *Cadernos* jamais atraiu muita atenção. [...]. Ibidem, 1998.

<sup>28</sup> GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*, vol. 4. Caderno 16, nota 02. Temas de Cultura, Civilização Brasileira, 2001, p. 18-19

denomina nos seu terceiro caderno miscelâneo na nota 49 o estudo destas fontes de análise como “material ideológico” proporcionando indicações importantes de como a imprensa representa um canal de compreensão importante para a investigação das organizações em disputa nas sociedades que visam desenvolver e manter concepções de ordenamento social:

Temas de cultura. Material ideológico. Um estudo de como se organiza de fato a estrutura ideológica [...]: isto é, a organização material voltada para manter, e desenvolver a frente teórica ou ideológica. A parte mais considerável e mais dinâmica dessa frente é o setor editorial em geral: editoras (que têm um programa implícito e explícito e se apoiam numa determinada corrente), jornais políticos, revistas de todo tipo, [...]. A imprensa é a parte mais dinâmica desta estrutura ideológica, mas não a única: tudo o que influi e pode influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente, faz parte desta estrutura. [...] Um tal estudo, feito com seriedade, teria uma certa importância: além de dar um modelo histórico vivo de uma tal estrutura, forma o hábito de cálculo mais cuidadoso e exato das forças ativas na sociedade.<sup>29</sup>

As fontes documentais analisadas nesta pesquisa através dos conteúdos das publicações integralistas evidenciaram elementos da ideologia difundida por seus intelectuais, assim como, as novas estratégias de práxis política e o crescimento destas organizações. Em grande medida, impulsionadas pelas possibilidades abertas com as novas determinações de ação e propaganda política, através das novas tecnologias da informação e comunicação, divulgando idéias e valores anacrônicos e irracionalistas.

A análise imanente, segundo os pressupostos lukacsianos<sup>30</sup>, na interpretação dos conteúdos dos denominados “materiais ideológicos”, possibilitou ainda articular elementos acerca da gênese do objeto analisado, assim como, identificar elementos de sua função social. Proporcionando a crítica a ideologia integralista de forma mais ampla:

Para o pensador húngaro György Lukács o fenômeno ideológico não significa – necessariamente – falsa consciência: “A correção ou falsidade não bastam para fazer de uma opinião ideologia”. (LUKÁKS, 1981:448). Para o autor, tudo depende da *função social* que um pensamento qualquer – certo ou errado – venha a desempenhar. Na tematização lukacsiana, portanto o fenômeno da ideologia é analisado sob o fundamento ontológico-prático, o que significa “analisar esse fenômeno essencialmente pela função social

---

<sup>29</sup> GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**, vol. 2. 3. Ed. Caderno 03, nota 49. Cadernos Miscelâneos, Civilização Brasileira, 2004, p. 78-79.

<sup>30</sup> Segundo Lukács: “O rechaçar da crítica imanente como um fator de uma exposição de conjunto que abarque, ao mesmo tempo, a gênese e a função social, a característica de classe, o desenvolvimento social, etc., conduz necessariamente a uma atitude sectária em filosofia” (LUKÁCS, 1959, p. 7).

que desempenha, ou seja, enquanto veículo de conscientização e prévia-ideação da prática social dos homens”. A prévia-ideação diz respeito às posições teleológicas primárias e secundárias. A ideologia seria um oposição teleológica secundária. [...] Além da *função social*, G Lukács agrega outros dois momentos para a análise de um discurso ideológico: a *análise imanente* e a *gênese* desse discurso. Portanto, a análise de ideologias para o autor compõe-se destes três momentos fundamentais, resgatados e sistematizados a partir do pensamento marxiano. (p.43-44).<sup>31</sup>

A identidade ideológica a particularidade da ideologia integralista, averiguadas nas fontes selecionadas proporcionaram a investigação a crítica ao integralismo contemporâneo através do que seus próprios intelectuais afirmaram, em suas publicações.

A análise imanente proposta por Lukács tem o potencial de revelar a lógica própria da particularidade de uma ideologia:

A *análise imanente* deve revelar a lógica própria e original de um discurso para que ele seja entendido a partir do que ele é e não lhe sejam inadvertidamente atribuídas características que não lhe dizem respeito. Hierarquicamente falando, é após esse importante e criterioso passo, que o discurso pode ser devidamente submetido aos fundamentais passos posteriores – *gênese e função social* – sem o que não se completaria a análise de uma ideologia. [...]. O conjunto formado por esse tripé – análise imanente, gênese e função social – é referido por Lukács, ao afirmar que os próprios clássicos do marxismo recorriam à análise imanente em seus estudos e, portanto, esse recurso não deveria ser desprezado.<sup>32</sup>

Nesse sentido, através das análises das fontes selecionadas foi possível a constatação da das permanências e mudanças averiguadas na ideologia integralista contemporânea. Apesar de residuais e anacrônicos os militantes em questão, estão desenvolvendo possibilidades para a divulgação de seus valores, arquitetando estratégias e buscando o crescimento de suas organizações.

## Considerações

A proposição dos valores defendidos pelos integralistas, pretéritos e contemporâneos, como uma concepção ideológica autocrática chauvinista regressiva é fundamentada na perspectiva de uma *abstração delimitada*.

---

<sup>31</sup> LOVATO, Angélica. **Os cadernos do povo brasileiro e o debate nacionalista nos anos 1960**: um projeto de revolução brasileira. 385 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010, p. 42-44.

<sup>32</sup> Ibid. 2010, p. 44.

A Teoria das Abstrações em Marx recebeu grande contribuição de György Lukács e, no Brasil, de José Chasin. Estes propiciaram o resgate e o debate de três temas evidenciados na obra de Marx. São eles o fundamento ontológico e prático do conhecimento, a determinação social do pensamento e o caráter histórico dos objetos em análise. Elementos articulados que interagem no conjunto dos comportamentos na sociedade e nas formas de manifestações ideológicas. Assim na perspectiva da teoria em questão “em suas determinações ontológicas as abstrações admitidas por Marx são representações gerais extraídas do mundo real” (CHASIN, 2009).

O procedimento analítico parte de abstrações gerais, segundo o fundamento marxiano das abstrações: “Assim as abstrações mais gerais só se desenvolvem na evolução concreta mais rica onde um traço aparece comum a vários fenômenos, comum a todos. Então, ele deixa de poder ser pensado unicamente de forma particular.” (MARX, 1974, p. 65). E, através da especificação dos fenômenos, o método proporciona o entendimento de mais abstrações mais razoáveis, que podem proporcionar por sua vez o entendimento de determinações reflexivas que levem o investigador a alcançar abstrações mais delimitadas.

O método “consiste em se elevar do abstrato ao concreto, para reproduzir como o concreto pensado” (MARX, 1974) e nesse procedimento analítico Chasin (2009) destacou a importância da especificação, delimitação, e articulação para a compreensão do objeto estudado na busca por determinações reflexivas que auxiliem nos resultados da investigação.

Na introdução dos Fundamentos da Crítica da Economia Política o autor da Filosofia da Práxis afirma que é inadequado partir da realidade social em sua imediatez de forma a não superar os dados empíricos pelas mediações analíticas.

A análise científica marxiana, a partir do critério da totalidade, através de abstrações razoáveis e delimitadas e, da busca pela particularidade de manifestações singulares, intrínsecas à universalidade dos fenômenos, busca estabelecer mediações que resultem da análise histórica em sua gênese e, em seu movimento, para que o estudo dos objetos investigados seja compreendido em sua concretude, como reflexos de situações objetivas na sociedade.

O problema da particularidade sob a ótica materialista através da busca de determinações e conexões reais tem como base analítica o próprio desenvolvimento do objeto investigado e a compreensão de sua gênese e função social. Assim, a busca pelo entendimento da identidade do integralismo foi realizada nesta pesquisa através da

análise da sua história, de seus próprios pronunciamentos, ações e escritos (BARBOSA, 2012).

A tese defendida nesta investigação é que os pressupostos elementares do integralismo da década de 1930 continuam presentes nos posicionamentos dos militantes contemporâneos, potencializado pelos novos meios de comunicação, como a internet; são eles a continuidade dos pressupostos chauvinistas em sua ideologia, a continuidade da defesa da denominada “Democracia Orgânica”, como modelo corporativista de organização do Estado, a crítica aos partidos políticos e as eleições, numa lógica de legitimação do fundamento da nação sob a égide da defesa do Estado baseada numa concepção fundamentalista cristã como modelo ideológico autocrático.

Denominar os integralistas de fascistas ou qualificá-los como uma organização de extrema direita nos embates políticos e na denúncia de suas posições segregadoras não possibilita a compreensão de sua particularidade como pressuposto científico de análise.

A utilização de conceitos apriorísticos como, extrema direita, ultradireita e neofascismo, são construções lógicas, porém, alicerçadas em generalizações fenomênicas.

Nesse sentido, obstaculizam a real compreensão dos fenômenos os conceitos elaborados cada vez menos a partir da própria realidade social que se tornam conceitos de caráter lógico, porém, descolados da especificidade dos fenômenos, identidade essa só possível pela compreensão das particularidades concretas. Como apontou Lukács é fundamental “conceber a lógica específica do objeto específico”. Assim, a compreensão do objeto em análise, os herdeiros da ideologia do sigma, eleva-se na realidade objetiva da singularidade à universalidade através da sua particularidade.

#### **Referências:**

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (UNESP) Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. 2012. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/63494>

BUTTIGIEG, Joseph. O método em Gramsci. 1998. In: **Gramsci e o Brasil.** Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=290>. Data de acesso: 03 de fevereiro de 2011.

CHASIN, José. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica.** São Paulo: Boitempo, 2009.

\_\_\_\_\_. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio.** São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

- VAISMAN, E. FORTES, R. Apresentação. In **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K. Para a Crítica da Economia Política. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1974.
- LESSA, Sérgio. **Ontologia de Lukács**. Maceió: Edufal, 1996.
- NETTO, J. P. Posfácio. In: COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e a Miséria da razão**. 2. Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2010.
- LÖWY, M. **A evolução política de Lukács** (1909-1929) São Paulo: Cortez, 1998.
- LOVATO, Angélica. **Os cadernos do povo brasileiro e o debate nacionalista nos anos 1960**: um projeto de revolução brasileira. 385 f. Tese (Doutorado). Pontífica Universidade Católica, São Paulo, 2010.
- LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípio para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Introdução a uma Estética Marxista**: sobre a Particularidade como categoria da Estética. Editora Civilização Brasileira, Rio Janeiro, 1970.
- LUKÁCS, G. Ontologia do Ser Social. O Trabalho. p. 111-2 Apud LESSA, S. Lukács, **Ontologia e Método**: em busca de um pesquisador(a) interessado(a). Revista Praia Vermelha, Pós-graduação em Serviço Social, vol.1, n. 2, pp. 141-173, Rio de Janeiro, 1999.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**, vol. 4. Caderno 26, nota 05. Temas de Cultura, Civilização Brasileira, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere**. vol. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 3. Ed. Caderno 12. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- NETTO, J. P. Posfácio. In: COUTINHO, C. N. **O Estruturalismo e a Miséria da razão**. 2. Ed. São Paulo. Expressão Popular, 2010.
- \_\_\_\_\_. “O Método em Marx.” Curso ministrado para o curso de Pós-Graduação em Serviço Social da UFPE em 2002.
- Disponível em: [http://www.cristinapaniago.com/jos%C3%A9\\_p\\_netto\\_-\\_curso\\_o\\_m%C3%A9todo\\_em\\_marx\\_-](http://www.cristinapaniago.com/jos%C3%A9_p_netto_-_curso_o_m%C3%A9todo_em_marx_-) Acesso em 15 de julho de 2011.
- \_\_\_\_\_. **Lukács e a crítica da filosofia burguesa**. Lisboa: Seara Nova, 1978.
- KONDER, L. **Introdução ao fascismo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.